

# Mal-estar na sexualidade

*Paulo Roberto Ceccarelli<sup>1</sup>, Belo Horizonte*

*Partindo do antagonismo entre a civilização e a vida pulsional, que atravessa toda a obra freudiana, o autor se pergunta sobre a inevitabilidade da sexualidade, do pulsional, ser causa de mal-estar. Em um primeiro momento, são discutidas as relações entre o sexual e a sexualidade, as duas dimensões psíquicas com as quais a psicanálise trabalha, passando para as questões do mito em psicanálise, as relações entre o recalque e a repressão e, finalmente, o texto traz alguns comentários acerca das questões de gênero e das mudanças discursivas. Conclui-se que o sexual é refratário a qualquer tratamento político, e sempre será gerador de mal-estar, como bem atesta o trabalho clínico.*

*Palavras-chave: Sexual e sexualidade; Civilização x satisfação sexual; Gênero; Mudanças discursivas*

---

<sup>1</sup> Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise (*Université Paris 7 – Diderot*). Pós-doutor (*Université Paris 7 – Diderot*). Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF). Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Professor e orientador de pesquisas do Mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG.

*“Há trabalho suficiente para se fazer nos próximos cem anos, nos quais nossa civilização terá de aprender a conviver com as reivindicações de nossa sexualidade.”*  
(Freud, 1898)

## Introdução

Devido ao antagonismo entre civilização e vida pulsional, que impacta toda a obra de Freud desde o *Rascunho N* (1897) até *O mal-estar na civilização*<sup>2</sup> (1930), a expectativa freudiana contida na frase em epígrafe nunca será, ao que parece, plenamente alcançada. Ainda que algumas *reivindicações de nossa sexualidade* tenham sido satisfeitas, sobretudo aquelas ligadas à moral sexual, as que dizem respeito às interdições de desejos incestuosos, cujo retorno é gerador de neurose, nunca alcançarão tal patamar, pois constituem os pilares que sustentam o estado de cultura (Freud, 1913/1974).

A história das práticas sexuais é rica em exemplos que descrevem as inúmeras dinâmicas pulsionais, as quais, por mais inusitadas que possam parecer, sempre existiram (Gregersen, 1983). Uma breve consulta antropológica (Lévi-Strauss, 1996, 1990/2024; Róheim, 1950/1967) e/ou etnopsicanalítica (Barros & Bairrão, 2010; Devereux, 1977, 1978) nos revela o quanto essa história é repetitiva, para não dizer monótona. As modalidades de subjetivação subjacentes às chamadas *identidades sexuais* são encontradas em todas as culturas. Ignorar a história do sujeito e sua inserção social pode levar à normatização, fazendo com que aqueles que não se encaixem na cultura hegemônica sejam considerados portadores de distúrbios mentais (Canguilhem, 1978; Lanteri-Laura, 1979/1994; Lustosa, 2016). As manifestações da sexualidade que a cultura ocidental – com a sua tendência a patologizar as práticas sexuais que fogem aos padrões ideologicamente construídos – denomina de “desvios” estão presentes desde sempre em todos os grupamentos humanos e em algumas outras espécies animais, recebendo explicações e justificativas de acordo com a visão da sexualidade da cultura em questão. Há séculos, o discurso dominante vem determinando as sexualidades lícitas e as proibidas, as relações entre homens e mulheres, como devem ocorrer

---

<sup>2</sup> Para Freud (1930/1974, p. 16), a civilização humana representa “tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais (...) e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização”.

suas respectivas práticas sexuais, seus lugares no tecido social, o que inclui as hierarquias de poder e as relações de trabalho (Foucault, 1984, 1985a, 1985b).

Nessa perspectiva, por mais que a clínica não cesse de nos surpreender com *o grande aumento no número de jovens que não se reconhecem no próprio corpo e/ou gênero atribuído no nascimento*, como nos informa a carta-convite, o que assistimos hoje traduz uma série de modalidades contemporâneas de subjetivação que atestam “novas” maneiras de alienação no desejo do Outro. Se coloco “novas” entre aspas é por acreditar, como pretendo mostrar ao longo do texto, que elas não são essencialmente novas.

As “novas” dinâmicas pulsionais podem, por vezes, produzir a sensação de estranheza (*Unheimlich*)<sup>3</sup>: sujeitos transgêneros, transexuais, bissexuais, sujeitos não binários, homem com vagina, mulher com pênis e outras tantas possibilidades de excitação erótica. Por não corresponderem às categorias tradicionais de sexo/gênero, tais subjetividades remetem-nos, em um primeiro momento, à nebulosa inicial: uma época anterior ao recalque, ao binarismo de gênero e à aquisição da diferença sexual, quando as mais diversas modalidades de configurações eram pensáveis (Freud, 1908a/2020). Não por acaso, tais manifestações ocorrem particularmente na puberdade, quando a polimorfia da sexualidade infantil é revisitada. Entender as posições subjetivas elencadas acima como algo novo seria negar o pulsional.

Sujeitos transgêneros, transexuais, bissexuais e não binários sempre existiram, embora não existissem significantes que os nomeassem. Já a existência de homens com vagina, mulher com pênis e outras tantas possibilidades de excitação erótica só foi possível graças aos avanços da medicina. As transexualidades<sup>4</sup>, tal como as conhecemos hoje, devem ser compreendidas levando-se em conta as mudanças sócio-histórica ocorridas na sociedade ocidental (Ceccarelli, 2025a).

As modalidades classificatórias (as nomenclaturas) presentes na cultura de outrora não ofereciam a tais sujeitos possibilidades de nomeação que traduzissem seu mundo interno, gerando desconfortos e fazendo com que se sentissem inquietos no próprio corpo (Ceccarelli, 2025a).

Esse estado de coisas não é totalmente novo: no final do séc. XIX, algo semelhante aconteceu. A psiquiatria de então “criou” nomenclaturas, as quais ainda hoje são fartamente utilizadas, para nomear os desvios sexuais: aqueles que não correspondiam aos padrões de normalidade da época. É nesse sentido que Foucault (1985) afirma que os sexólogos do sex. XIX criaram as perversões, pois, embora

<sup>3</sup> A sensação de estranheza (*Unheimlich*) ocorre quando “os complexos infantis que haviam sido recalcados revivem mais uma vez por meio de alguma impressão” (Freud, 1919/1996, p. 310).

<sup>4</sup> Alguns autores consideram as transexualidades como iatrogênicas, ou seja, um fenômeno que só pôde se concretizar graças às diversas técnicas da medicina moderna (Pauly, 1986; Raymond, 1981).

as práticas ditas desviantes da sexualidade sempre tivessem existido, elas não recebiam nomenclaturas que as classificassem. Tal como agora, parece-me que o novo foi o discurso classificatório, que levou a mudanças discursivas.

Definir o normal e o patológico não é tarefa fácil: um dos pontos de ruptura de Freud com a psiquiatria e a sexologia de sua época foi justamente mostrar que o normal não existe (Prata, 1999).

Para sustentar meus argumentos, parto de posições teóricas com as quais venho trabalhando há muitos anos, em que me apoio para discutir as sexualidades e as subjetividades presentes na atualidade da clínica psicanalítica.

Um primeiro ponto diz respeito aos processos primários e secundários, as duas dimensões da realidade com as quais a psicanálise trabalha. O segundo nos informa sobre os movimentos de repressão (*Unterdrückung*) da sexualidade, que variam segundo a moral sexual, sendo responsáveis pelas mudanças discursivas.

Início meu percurso com uma breve digressão sobre o sexual e a sexualidade na obra freudiana.

## O sexual e a sexualidade

Um dos textos mais importantes da obra freudiana, senão o mais importante, é o famoso *Drei abhandlungen zur sexualtheorie*, traduzido por *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Contudo, o título do texto sugere que a tradução mais próxima do alemão seria *Três ensaios sobre a teoria sexual*, como, aliás, é o título em francês: *Trois essais sur la théorie sexuelle*, publicado em 2019 pelo *Champs Classique*.

O tema do ensaio é sobre a teoria sexual (*zur Sexualtheorie*), e não sobre a teoria da sexualidade (*Geschlechtertheorie*). A tradução de *Sexualtheorie* por *teoria da sexualidade* nos afasta da ideia freudiana de uma *teoria (sobre o) sexual*: as enigmáticas vicissitudes do sexual, presentes nas dinâmicas pulsionais constitutivas de subjetividades. No sexual infantil, marcado pela busca anárquica, incessante e amoral de prazer, o objeto é o que menos importa, ao passo que a procriação está ausente. Ele é polimorfo, múltiplo e perverso, constituindo o recalcado por excelência (Ceccarelli, 2016). Manifesta-se nas fantasias, nos devaneios, nas preliminares do ato sexual, nos atos falhos e nas ocasiões em que somos surpreendidos pelo estranho – *Das unheimlich* – (Freud, 1919).

O trabalho clínico nos informa que, no adulto, o sexual da criança de outrora está recalcado: marcado pela atemporalidade, ele constitui o núcleo do inconsciente, cujo acesso só é possível através de suas representações.

No terceiro ensaio – *As transformações da puberdade* –, Freud (1905) discorre sobre os destinos do pulsional quando as mudanças anatomofisiológicas ganham o primeiro plano. Trata-se do que Laplanche (1987) chama de *pulsão imitada*, aquela que repete velhos enredos, embora com novos objetos: “o encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele” (Freud, 1905/1976, p. 229).

Por estarem liberadas do programa biológico e dos objetos predeterminados de satisfação ditados pelos instintos, as vicissitudes dos impulsos sexuais (*Sexualtriebes*) são sempre enigmáticas, fazendo com que não exista um caminho único ou uma resposta definitiva, pois os fatores em jogo dependem das “séries complementares” (Freud, 1916[1917]b, p. 423)<sup>5</sup>. Embora sem objeto predeterminado de satisfação, a pulsão mantém a mesma força (*Drang*) do instinto, sendo representada no psiquismo pela fantasia, “desenhando na superfície do corpo uma geografia da excitação que desconsidera o primado do genital” (André, 2016, p. 116).

A maneira como o indivíduo vivencia a sua sexualidade é o resultado de um percurso identificatório, tendo por enredo a dinâmica edípica protagonizada pelos caminhos do sexual. O enigma do sexual interpela todas as culturas, que criam dispositivos para lidar com as demandas pulsionais e, muitas vezes, determinar como devem ocorrer: os discursos sobre a sexualidade são verdadeiros artefatos culturais tributários do momento sócio-histórico no qual emergem.

Na cultura ocidental, o *saber* sobre a sexualidade, construído pela ordem religiosa, jurídica e médica, esteve sempre atrelado aos interesses do Estado e às classes dominantes. Esse *saber* determina quais sejam os desejos e as práticas sexuais *normais* e as *patológicas*, além de oferecer *cura* às últimas. Com isso, foram criados dispositivos que ditam as regras referentes ao uso da libido e dos prazeres do corpo (Ceccarelli & Salles, 2010).

## As duas dimensões da realidade

No texto de 1911, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, Freud discorre sobre as interações entre os processos primários (princípio do prazer) e os secundários (princípio da realidade), sugerindo que a psicanálise, tal como a física, trabalha com duas *realidades*. Afinal, “não existe uma passagem linear, contínua e discreta do mundo quântico para o [mundo] visível”, eis que a realidade para a física é sempre uma construção (Ceccarelli, 2009, p. 925).

<sup>5</sup> Hereditariedade; elementos constitucionais; influências acidentais; a intensidade de uma experiência particularmente traumática.

Ao sustentar que nunca temos acesso direto ao inconsciente, mas somente às suas manifestações, e que a realidade que conta é uma construção psíquica, a psicanálise diz o mesmo à sua maneira.

O acesso à matéria bruta dos processos primários responsável por sustentar nossas construções é impedido pela barra do recalque. Processos primários e secundários têm leis próprias: o primeiro é marcado pelo deslocamento, condensação, atemporalidade etc., sendo imutáveis desde a origem da humanidade (Freud, 1913/1974). Essa parte invariável da alma humana “põe a nu o homem primevo que existe em cada um de nós” (Freud, 1915a/2020, p. 338).

No texto de 1915, continua Freud, o *homem primevo* que nos habita, acrescentado de nossa herança filogenética, faz com que não exista evolução psíquica: a história dos seres humanos é um eterno recomeçar, como bem testemunha nossa maior fonte de sofrimento, que seriam nossas “relações com os outros seres humanos” (Freud, 1930/1974, p. 65; Levy & Ceccarelli, 2012).

Os conflitos de gerações se repetem, e as experiências pessoais, assim como os *conselhos* para obter satisfação e evitar o sofrimento, para enfrentar perdas e lutos, enfim, situações que evocam nosso desamparo (*Hilflosigkeit*) constitutivo e os subsequentes acontecimentos que nos afligem, não podem ser transgeracionalmente transmitidos: tal é a tragédia humana.

A passagem dos processos primários para os secundários, ou seja, a travessia da barra do recalque, é assegurada tanto pelos mitos individuais quanto pelos coletivos.

Graças aos coletivos, patrimônio fantasmático de uma cultura, e à cosmogonia que os sustentam, um ponto de partida é criado para historicizar a origem do homem, dos animais e das coisas; para explicar a passagem do caos à ordem, do irrepresentável para a linguagem ou, no jargão lacaniano, do gozo ao desejo. Para que um relato mítico tenha o estatuto de Verdade, ele deve narrar como, “graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir” (Eliade, 1963/1972, p. 6). Assim, do ponto de vista da *economia libidinal*, os mitos fundadores de um grupamento humano possuem o estatuto de realidade psíquica: são relatos que oferecem representações às pulsões, dando sentido tanto ao mundo visível quanto ao fantasmático. A realidade psíquica, a *verdade* do sujeito, é marcada pelos caminhos do sexual contidos pela fantasia (Ceccarelli, 2019).

## Mitos e psicanálise

Os mitos fazem parte da psicanálise, a começar pela teoria das pulsões, que “é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões (*Triebe*) são entidades míticas,

magníficas em sua imprecisão” (Freud 1933/1976, p. 119). Édipo, Narciso e tantos outros compõem o que poderíamos chamar de cosmogonia psicanalítica.

O mito da era glacial, exposto em *Neuroses de transferência: uma síntese* (Freud, 1915c/1978), marca o início da saga do se tornar humano. As mudanças ali apresentadas provocaram repercussões diretas e imediatas na sobrevivência da espécie, além de levarem à passagem do instinto (*Naturtrieb*) à pulsão (*Trieb*). O mito narrado em *Totem e tabu* (Freud, 1913/1974) marca a origem da cultura, dos limites, enfim, da Lei. Para Ferenczi (1933/2003, p. 5), os mitos são “a expressão simbólica das pulsões recalçadas da humanidade”.

Os *Romances familiares* (Freud, 1909) e *O mito individual do neurótico* (Lacan, 1953) permitem que o sujeito (re)signifique a própria história e atribua representações psíquicas aos seus afetos, isto é, permitem que ele possa situar-se no tempo e se localizar no espaço: o mito é uma palavra fundadora de identidade. Em muitos casos, como nos povos originários, a perda mitológica pode ser vivenciada como uma perda identitária, provocando o colapso da função simbólica e entrvando a circulação pulsional.

O antagonismo entre as moções pulsionais em busca de satisfação e as limitações impostas pelo trabalho de cultura (*Kulturarbeit*) leva ao surgimento do *Eu*, responsável, em parte, pelos processos secundários, traduzindo as construções discursivas utilizadas para nos deslocarmos no simbólico.

Por não termos identidade, somos condenados às identificações que, orquestradas pelo desejo do Outro, participam da construção de nossa subjetividade. Seus processos são inseparáveis dos fatores sócio-históricos, atrelados às leituras que variam segundo o tempo, às épocas e à moral cultural, produzindo variadas formas de doenças nervosas como saída possível frente a repressão sexual (Freud, 1908a/2020). O peso da moral sexual sempre acompanhou o pensamento freudiano, como atesta a carta de 1915 a Putnam: “a moral sexual, como é definida pela sociedade, na sua forma mais extrema, a dos Estados Unidos, parece-me muito desprezível. Defendo uma vida sexual incomparavelmente mais livre” (Freud, 1915b/1982, p. 360).

Ainda que não se possa negar as mudanças discursivas trazidas pelas novas leituras simbólicas que reorganizaram a circulação dos afetos dos processos secundários, tais mudanças em nada alteram a dinâmica do primário.

Não raro, encontramos colegas que tomam as leituras dos processos secundários por verdades e, mobilizados pelos afetos das mudanças sócio-históricas, produzem um discurso normativo para que nada mude ou então um discurso marcado por posições fundamentalistas, prevendo consequências terríveis diante de determinadas mudanças sociais, o que os leva a apresentar

visões pessimistas sobre o futuro. Foi o que aconteceu por ocasião do surgimento da pílula anticoncepcional, dos movimentos feministas e, mais recentemente, as discussões em torno da adoção de crianças por casais homoafetivos (Ceccarelli, 2005; Roudinesco, 2024)

Nunca é demais lembrar que não cabe à psicanálise pronunciar-se sobre os caminhos “normais” de subjetivação, ao preço de esquecer que suas construções teóricas estão baseadas em um terreno diferente da organização social: pulsões, desejos, complexo de Édipo, relações de objeto, identificações, dentre outros.

Os fantasmas de que estamos caminhando para um caos completo, que a atualidade não poderia ser pior, que a juventude está mais perdida que nunca e tantas outras situações apocalípticas sempre assombraram a humanidade, como a história nos mostra. Acredito que sejam por razões eminentemente narcísicas que nos sentimos ameaçados agora: “parece certo que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil saber se os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes e, em que medida, e que parte as condições culturais tinham nisso” (Freud, 1930/1974, p. 85).

Para muitos, a nova leitura do Real apresentada pela atualidade atesta a dificuldade de outros arranjos simbólicos, corroborando Freud (1908b/1974, p. 151) quando ele diz que “na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto”.

Acredito que uma das razões pelas quais testemunhamos, nos quatro cantos do mundo, a eclosão de movimentos repressores para que nada mude, é para que as representações responsáveis por sustentar a leitura da realidade permaneçam inalteradas.

O *quantum* de afeto em busca de uma representação que transforme o sexual (processos primários) em psicosexual (processos secundários) sempre existiu. Na atualidade, as representações ideativas (*Vorstellungen*) oferecidas pela cultura, isso é, pelos processos secundários (a oferta desperta o desejo – objeto *a*), podem levar a um recrudescimento do narcisismo como forma de responder à intensidade de ofertas. Para certas pessoas, um leve aumento no quantum de energia ligado ao afeto, elevando a intensidade de sua representação (mais ansiedade, depressão, ódio, mais fome, mais inveja...), é o bastante para buscar a medicalização dos afetos, algo cada vez mais presente, sobretudo no universo infantil, na pedagogia, trazendo enormes lucros para a indústria farmacêutica.

Enfim, como vimos, a particularidade dos processos primários e dos secundários marca dois modos de funcionamento do psiquismo, levando-nos a

compreender por que, a despeito das mudanças nas manifestações no sexual, o mal-estar continua.

## Sexualidade e repressão<sup>6</sup>

Outro ponto diz respeito às mudanças sociais responsáveis pela *desrepressão* (*Unterdrückung*) da sexualidade (processos secundários), ditadas pela moral sexual.

Sem dúvida, a chamada *revolução sexual* trouxe uma maior liberdade para se tratar de assuntos ligados à sexualidade, assim como maior transparência nas práticas sexuais: adolescentes passaram a levar as/os companheiras/os para passar a noite em casa, sendo que as relações sexuais e a gravidez antes do casamento, bem como relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e assim por diante, aconteciam, e ainda acontecem, sem as amarras de então.

Concomitantemente, os pais passaram a responder às perguntas dos filhos/filhas de forma mais honesta, pois os assuntos relativos à sexualidade deixaram de ser tabus: a revolução sexual incidiu contra a sexualidade normativa, trazendo a fugaz sensação de que, sem as amarras morais e os ditames da família tradicional, as pessoas seriam capazes de viver mais livremente suas sexualidades sem os constrangimentos de então. No entanto, não foi o que aconteceu: a *liberação* das práticas sexuais não trouxe a felicidade esperada.

A desrepressão da sexualidade não foi acompanhada de um *desrecalcamento* da mesma, como, aliás, não poderia sê-lo, pois acarretaria o fim do pacto edípico e, por conseguinte, do pacto social (Pellegrino, 1987). Ao impor-nos a renúncia pulsional, que nos obriga a abandonar nossos primeiros objetos sexuais, o recalque gera o mal-estar que sempre acompanhou a espécie humana. Trata-se, assim, de duas variáveis que afetam regiões psíquicas diferentes (inconsciente e pré-consciente) e que, na maioria das vezes, são tratadas como se fossem da mesma ordem.

A repressão sexual é tributária do sistema de valores que sustenta o imaginário responsável por dar origem à moral sexual, como bem mostra Marcuse (1955/1972). O imaginário social está baseado no mito de origem da cultura, em conformidade à época e aos costumes: ele é sócio-histórico. Na cultura ocidental, sua origem deve ser procurada no imaginário judaico-cristão e no relato da criação.

Enfim, é o imaginário da cultura, independentemente de seu modo de

---

<sup>6</sup> Em uma nota em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900[1901]/1972, p. 645, nota 1) esclarece: "Omiti declarar se atribuo significados diferentes às expressões 'suprimido' (*Unterdrückung*) e 'reprimido' (*Verdrängung*). Deveria ser claro, contudo, que o último dá mais ênfase que o primeiro ao fato de sua ligação com o inconsciente".

produção, que cria o discurso ideológico subjacente às noções de normal e patológico, as quais são apresentadas como naturais e imutáveis, ou seja, inquestionáveis.

A clínica é rica em exemplos mostrando que o relaxamento da repressão não tornou mais simples o contato com a dinâmica sexual ligada aos destinos edípicos. Em muitos casos, o que se observa é o contrário: o diálogo aberto entre pais e filhos facilmente se transforma em cenas de sedução, pois seus protagonistas não estão imunes ao retorno de moções pulsionais recalcadas carregadas de desejos incestuosos proibidos, podendo gerar culpa e inibições. A aproximação de conteúdos recalcados é capaz de conduzir a um embotamento do universo fantasmático do sujeito, levando-o a um empobrecimento da circulação pulsional.

Se, na atualidade, raramente encontramos os sintomas citados por Freud, é porque a repressão sexual da Viena do séc. XIX não existe mais. Embora com outras roupagens, os sintomas ligados ao sexual que testemunhamos hoje nos consultórios, assim como a curiosidade infantil em relação à diferença dos sexos, permanecem inalterados, denunciando o retorno do recalco: frigidez, ejaculação precoce, disfunções, dores diversas e outras tantas formações de compromisso que atestam diferentes modalidades do retorno do recalco.

A ineficácia das campanhas de prevenção da gravidez na adolescência, assim como a da importância do uso do preservativo, são exemplos dramáticos de como o sexual, os processos primários, continuam enigmáticos, irrompendo nos lugares mais inesperados, fugindo de qualquer apreensão direta: tudo isso nos leva à conclusão de que não há tratamento político para o sexual. Talvez o *ficar*, palavra que expressa uma modalidade de relação na atualidade, seja um dos desdobramentos da revolução sexual, na qual afeto e sensualidade não se encontram.

Quando olhamos para trás e reavaliamos os *temores* trazidos pela revolução sexual, constatamos que nada de dramático aconteceu: as famílias continuam se compondo, decompondo e recompondo; não raro, observa-se que os filhos e filhas de casais separados, ou oriundos de relações homoafetivas, estão bem, senão melhores, do que aqueles cujos pais não se separam. Para alguns, as manifestações da sexualidade que fogem às regras ainda são tratadas de forma preconceituosa, a questão do aborto continua problemática, e assim por diante.

A experiência clínica levou-me a supor que, da mesma forma que a neurose é o retorno do *recalcado*, as (novas) dinâmicas pulsionais, inclusive as perversas, atestam o retorno do reprimido.

Sustento meu ponto de vista com base em um dos textos que Freud (1908a/2020) fala de maneira mais clara sobre os destinos da pulsão – *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Neste texto fundamental para a compreensão

das relações entre os movimentos pulsionais e o surgimento da cultura, o termo em alemão empregado por Freud ao longo do texto é repressão (*Unterdrückung*) das pulsões (e não recalque [*Verdrängung*]). Isso significa que, quanto mais repressora for a sociedade, mais seus membros recorrerão à soluções inovadoras para dar vazão às pulsões reprimidas.

## Algumas reflexões sobre a questão de gênero em psicanálise

Em trabalhos anteriores, tive a oportunidade de discutir as relações entre gênero e psicanálise (Ceccarelli, 2017, 2019b, 2022, 2023).

Embora a opinião geral seja que não exista uma teoria de gênero em Freud, o texto de 1908, *Sobre as teorias sexuais das crianças*, sugere uma classificação segundo o gênero, anterior à percepção da diferença anatômica (Ceccarelli, 2017). No texto, somos convidados a nos despojar de nossa *existência corpórea* e, como seres puramente pensantes, observaríamos a Terra. Nessas circunstâncias, a existência de dois seres, cujas diferenças se dão por sinais externos, nos chamaria a atenção sem, contudo, levarmos em conta a diferença sexual.

Ao que tudo indica, existiria em Freud uma classificação segundo o gênero, antes da percepção da anatomia: o gênero viria primeiro, embora seja o sexo que o determine a partir da percepção anatômica<sup>7</sup>.

No *Seminário 11*, Lacan (1964/1985, p. 194) faz observações que vão no mesmo sentido. Se as identificações constitutivas do eu, bem como as futuras escolhas de objeto, são construídas a partir das relações do recém-nascido com o Outro, isso significa que “no psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea ... o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro”.

Os caminhos das dinâmicas inconscientes (re)construídos na análise dizem respeito ao que chamo de berço psíquico: o lugar que o candidato a sujeito ocupa a partir da interpretação que ele faz do desejo do Outro, ou seja, de quem lhe deu vida psíquica e a acolheu – ou não – no mundo (Ceccarelli, 2002). É também nesse lugar que se aprende o que fazer como homem ou mulher, construindo-se a identidade cis ou trans. Como nos lembra Ambra (2016, p. 101), quando trabalhamos com o inconsciente, “a relação entre sexo e gênero mostra-se necessariamente refratária a qualquer tipo de normatividade”. Ainda que a anatomia faça parte do destino

---

<sup>7</sup> Sobre esse ponto, considerações interessantes, e ao mesmo tempo críticas, foram feitas por Jean Laplanche (2006).

humano, “esta não pode, em hipótese alguma, permanecer, para cada ser humano, um horizonte insuperável” (Roudinesco, 2021, p. 31).

Seja como for, as teorias de gênero constituem um auxiliar de peso para pensarmos os caminhos pulsionais e reavaliarmos as relações entre corpo, sexo, construções identitárias, novas conjugabilidades e discurso do poder. Nessa perspectiva, as fórmulas de sexualização de Lacan representariam uma teoria sobre a diferença, mas não um universal de subjetivação (Tort, 2000). Caso contrário, aqueles/as que nelas não se encaixassem, como as/os transexuais, ficariam extrasexo (*horsexe*), sendo colocados/as no campo das psicoses (Millot, 1983).

As considerações aqui apresentadas nos levam a perguntar: como escutar os sujeitos que não se enquadram nos universais de sexo e de gênero? Seriam eles portadores de algum *transtorno* (transtorno de identidade, disforia de gênero, problemas com a atribuição fálica, e assim por diante)?

Para Freud (1930/1974), masculinidade e feminilidade são *pontos de chegada, e não de partida*. Além disso, o ponto de chegada é uma construção tributária da particularidade dos processos identificatórios e, conforme já o dissemos, do lugar que o recém-nascido ocupa no desejo do Outro. O caráter incerto da masculinidade e da feminilidade, assim como a dificuldade de definir masculino e feminino, rompe com a realidade anatômica. A significação dessas noções nada tem de natural, são apenas convenções culturalmente construídas. São resultado de processos bem mais complexos que predisposições e determinações instintuais e geneticamente herdadas.

Nas últimas décadas, os estudos de gênero, as teorias *queer* e as teorias críticas têm reavaliado a ideologia que sustenta o sistema hegemônico sexo/gênero. Segundo Butler (2003, p. 38), não existem “(...) relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”.

A partir do momento em que o sexual recebe novas leituras, aparecem outras possibilidades de subjetivação, levando a uma reavaliação dos discursos seculares dos atributos sociais de gênero (Bertini, 2009; Butler, 1993, 2003, 2004, 2009; Fraisse, 1996; Laqueur, 1992). Se, em 1924, Freud diz que *a anatomia é o destino*, e Stoller (1975, p. 150), quase 50 anos atrás, proclama que “a anatomia não é, de fato, o destino. O destino vem do que os homens fazem da anatomia”, em 2015, Jacques André vai ainda mais longe ao dizer que “a anatomia imaginária é o destino” (André, 2015, p. 1716).

Os estados intersexuais mostram-nos o peso do sexo de atribuição em detrimento do anátomo-biológico (a predominância da cultura sobre a *natureza*?). Seu estudo nos oferece uma melhor apreensão dos elementos presentes na formação do sentimento de identidade sexual e nas relações sexo/gênero.

Os estados intersexuais, antes chamados hermafroditismo, apresentam diferença nos critérios anátomo-biológicos responsáveis pela determinação do sexo anatômico (Kreisler, 1973; Ansermet, 2005). Muitas vezes, a má-formação dos órgãos genitais externos faz emergir um Real que não corresponde aos universais da anatomia: quando a natureza *enlouquece*, o estranho (*Unheimlich*) retorna, evocando a indiferenciação sexual presente no inconsciente, a qual desconhece a contradição da diferença anatômica.

A relevância do sexo de atribuição na formação do sentimento de identidade sexual fica evidente no caso de um sujeito cuja conformação somatobiológica é feminina, mas que, por ser considerado e criado como menino, apresenta uma psicosexualidade masculina. O mesmo se observa em sentido contrário.

Seja como for, o destino psicosexual desses sujeitos seguiu o sexo de atribuição e não o anatômico (Ceccarelli, 2025a, p. 89):

Quando a criança é criada com convicção e continuidade no sexo que lhe foi atribuído, o sentimento de identidade sexual que ela construirá concordará com o sexo de atribuição, e não com seu sexo biológico: em caso de conflito entre forças biológicas e psicológicas, as últimas ganham, no que diz respeito à construção do sentimento de identidade sexual.

Tudo isso tem levado a novos posicionamentos sobre o que o Outro nos ensina sobre o *que se deve fazer como homem ou mulher*, trazendo repercussões tanto na compreensão das construções identitárias quanto nas “orientações sexuais”.

Para Geneviève Fraisse (1996, p. 91):

Pensar a alteridade é, então, pensar o diferente, a relação, o conflito. Isto é mais difícil, evidentemente, do que pensar a diferença dos sexos apoiada em invariantes culturais, antropológicas ou psicanalíticas ou, ainda, graças a boas intenções sobre a complementaridade natural dos sexos, e a boa consciência sobre a perenidade do mal feminino.

As construções identitárias da atualidade levam a novos questionamentos, incitando-nos a reavaliar os paradigmas que sustentam as dinâmicas pulsionais, cujo páthos – as paixões, as pulsões – escapam aos modelos tradicionais. Todo ser falante, independentemente de sua *identidade de gênero* (trans ou cis), terá sempre um sentimento de estranheza, pois o *Real* do sexo é inatingível. As inúmeras possibilidades de subjetivação capazes de *humanizar* o bebê humano desfazem a ideia de uma natureza intrínseca e reguladora inerente à cultura.

Se as questões de gênero não forem incluídas no debate psicanalítico, correremos o risco de cometer equívocos similares, de consequências não menos graves, que os denunciados por Freud nos *Três ensaios*, relativos à maneira que a opinião popular entendia a pulsão sexual. Parafraçando Freud, podemos dizer que acreditar que as expressões de gênero e as construções identitárias tenham uma correspondência natural com a anatomia é uma fábula poética (Ceccarelli, 2022).

## Mudanças discursivas

Se os anos 60 foram marcados pela chamada revolução sexual, a qual levou a uma reavaliação dos ditamos morais da época, há alguns anos estamos observando uma nova *revolução sexual*, em consequência das mudanças discursivas que, de certa forma, só foram possíveis por causa da primeira, como discuto em outros trabalhos (Ceccarelli, 2017, 2025b).

Em consequência da desrepressão da sexualidade, os representantes pulsionais oferecidos pelos processos secundários possibilitaram que subjetividades até então nunca nomeadas, isto é, que não possuíam nomenclaturas, ganhassem novas compreensões, promovendo lutas políticas.

Por outro lado, em nome do politicamente correto, os assuntos ligados ao sexual continuam problemáticos e foram posteriormente submetidos a novas formas de repressão. Talvez isso se deva ao modo como o sexual é tratado no imaginário ocidental: “o sexual é algo impróprio, algo de que não se deve falar” (Freud, 1916[1917]a, p. 355). Na carta aberta ao Dr. M. Fürst, Freud (1907/1976, p. 137) pergunta: “Que propósito se visa atingir negando às crianças, ou aos jovens, esclarecimento desse tipo sobre a vida sexual dos seres humanos?”

## Para finalizar

Quando os psicanalistas, mesmo os mais reticentes, não se intimidam em escutar as dinâmicas pulsionais que fogem ao discurso hegemônico, sem teorizá-las como um desvio e, ao mesmo tempo, sem sentirem ameaçados pelo retorno de suas próprias moções pulsionais recalçadas, tais dinâmicas passam a ser entendidas como uma vicissitude do sexual.

O verdadeiro trabalho analítico consiste em seguir os efeitos das mudanças socioeconômicas no arsenal psicanalítico para compreender a nova ordem simbólica daí advinda. Devemos estar atentos para não transformarmos nosso referencial

teórico em obstáculo para novas escutas, o que tornaria a psicanálise uma teoria inoperante.

Com Freud, acreditamos que à psicanálise cabe “revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até as disposições pulsionais” (Freud, 1920/1976, p. 188).

Toda construção identitária – cis ou trans – é patológica, pois estamos inelutavelmente “aprimados/as nas modalidades patológicas das ficções [mitos] que construímos sobre nós mesmos” (Ambra, 2016, p. 117).

Quando nos dispomos a ouvir os sujeitos cujas vivências identitárias e sexuais divergem das *tradicionais* sem tentar classificá-los como desviantes, ou quando procuramos entender seus percursos pulsionais e caminhos identificatórios, somos levados a repensar nossos instrumentos classificatórios e a nos perguntar com qual ouvido escutamos, observando em que medida os diagnósticos nos servem de defesa contra o retorno da nossa própria sexualidade recalçada. □

## **Abstract**

### **Discontent in sexuality**

Starting from the antagonism between civilization and drive life, that runs throughout Freud’s work, the author wonders about the inevitability of sexuality – of drive dimension – being a source of discontent. Initially, the relationships between the sexual and sexuality are discussed, the two psychic dimensions with which psychoanalysis works. The text moves on to the role of myth in psychoanalysis, the relations between repression and suppression and finally offers some remarks on issues of gender and discursive changes. It concludes that the sexual is refractory to any political treatment and will always generate discontent, as clinical work clearly attests.

Keywords: Sexuality and sexual; Civilization x sexual satisfaction; Gender; Discursive changes

## **Resumen**

### **Malestar en la sexualidad**

A partir del antagonismo entre civilización y vida instintiva, presente en toda la obra de Freud, el autor se pregunta por la inevitabilidad de la sexualidad, de la vida

instintiva, como causa de malestar. En primer lugar, el autor analiza las relaciones entre lo sexual y la sexualidad, las dos dimensiones psíquicas con las que trabaja el psicoanálisis, abordando las cuestiones del mito en el psicoanálisis, las relaciones entre represión y supresión y, finalmente, ofrece algunos comentarios sobre cuestiones de género y cambios discursivos. El autor concluye que la sexualidad es resistente a cualquier tratamiento político y siempre será una fuente de malestar, como lo demuestra claramente la práctica clínica.

Palabras clave: Sexualidad y sexualidad; Civilización xsatisfacción sexual; Género; Cambios discursivos

## Referências

- Ambra, P. (2016). A psicanálise é cisnormativa? *Periódicus*, 1(5), 101-120.
- André, J. (2016). Nascimento da sexualidade humana. In *Sexualidade: três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Porto Alegre: Evangraf.
- André, J. (2015). L'anatomie imaginaire c'est le destin. In *Le sexuel infantile et ses destins*. Paris: PUF.
- Ansermet, F. (2005). Clinique de l'ambigüité génitale chez l'enfant. *Psychothérapies*, 25, 165-172.
- Barros, M. & Bairrão, J. (2010). Etnopsicanálise: embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 11(1), 45-54.
- Bertini, M-J. (2009). *Ni d'Eve ni d'Adam - Défaire la différence des sexes*. Paris: Max Milo.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. Nova York: Routledge.
- Butler, J. (2009). Le transgenre et "les attitudes de révolte. In M. David-Menard (Org.) *Sexualités, genres et mélancolie : s'entretenir avec Judith Butler*. Paris: Campagne-Première.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero - feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. Nova York: Routledge.
- Canguilhem, G. (1978). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária.
- Ceccarelli, P.R. (2002). Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 15(161), 88-98.
- Ceccarelli, P.R. (2005). Violência simbólica e organizações familiares. In T. Féres-Carneiro (Org.) *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 266-277). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.

- Ceccarelli, P.R. (2009). Don Quixote e a transgressão do saber. *Revista Mal-estar na Subjetividade*, 9(3), 917-937.
- Ceccarelli, P.R. (2016). Sobre a virtualização do sexual. In A. Lopes, C. Barbieri, M. Ramos, R. Barreto (Orgs.). *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise* (pp. 159-177). São Paulo: Escuta.
- Ceccarelli, P.R. (2017a). Psicanálise, sexo e gênero. *Estudos de Psicanálise*, 48, 135-146.
- Ceccarelli, P.R. (2017b). Transexualidades e mudanças discursivas. *Estudos de Psicanálise*, 47, 83-90.
- Ceccarelli, P.R. (2019a). O sexual e a verdade do sujeito. In E. Andrade, V. Freitas, P. Ceccarelli, (Orgs.). *A psicanálise na vida contemporânea* (pp. 193-204). Bom Despacho: Literatura em cena.
- Ceccarelli, P.R. (2019b). As leituras psicanalíticas de gênero e suas repercussões nas organizações familiares. In *Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção* (pp. 17-28). Editora: Zagodoni.
- Ceccarelli, P.R. (2022). Psicanálise, cultura, gênero e clínica. In M. Kamers, M-A Coutinho Jorge, R. Marini Mariotto (Orgs.). *Psicanálise, cultura & clínica* (pp. 199-213). Salvador: Ágalma.
- Ceccarelli, P.R. (2023). O que as categorias de gênero e as construções identitárias têm a dizer à psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 57(1), 131-146.
- Ceccarelli, P.R. (2025a). *Transexualidades*. 4. ed. São Paulo: Artesã.
- Ceccarelli, P.R. (2025b). Sexualidades e mudanças discursivas. In C. Romano, C. Oliveira, P. Ceccarelli (Orgs.). *Psicanálise e sexualidades: quem fala de sexualidade hoje?* (pp. 17-28). São Paulo: Zagodoni.
- Ceccarelli, P.R. & Salles, A.C. (2010). A invenção da sexualidade. *Reverso*, 32(60), 15-24. (Publicação semestral do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais)
- Devereux, G. (1977). *Essais d'ethnopsychiatrie général*. Paris : Gallimard.
- Devereux, G. (1978). *Ethnopsychanalysis*. Los Angeles: University Press.
- Eliade, M. (1963). *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972
- Ferenczi, S. (1933). Importância da psicanálise na justiça e na sociedade. In *Obras completas de Sándor Ferenczi* (Vol. 2, pp. 1-10). São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1985a). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1985b). *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.
- Fraisse, G. (1996). *La différence des sexes*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1897). Rascunho N. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1898). A sexualidade na etiologia das neuroses. In S. Freud, *Edição standard brasileira*

- das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1900[1901]). A interpretação de sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1907). O esclarecimento sexual das crianças. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1908a). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, S. (1908b). O poeta e o fantasiar. In *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, S. (1908c) Sobre as teorias sexuais das crianças. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1909). Romances familiares. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1913). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1915a). Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. In *Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 99-135). Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, S. (1915b). *Correspondência de amor e outras cartas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- Freud, S. (1915c). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1916[1917]a). Conferência XX: a vida sexual dos seres humanos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1916[1917]b). Conferência XXIII: os caminhos da formação dos sintomas. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1919) O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- Freud, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1933). Conferência XXXII: ansiedade e vida pulsional. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Gregersen, E. (1983). *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. São Paulo: Roca.
- Kreisler, L. (1973). L'enfant et l'adolescent de sexe ambigu ou l'envers du mythe. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 7, 120-124.
- Lacan, J. (1953). *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Lacan, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- Lanteri-Laura, G. (1979). *Leitura das perversões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- Laplanche, J. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (2006). El género, el sexo, lo sexual. *Alter Revista de Psicoanálisis*, 2, 1-15. <https://bit.ly/3SqS9eU>
- Laqueur, T. (1992). *La fabrique du sexe*. Paris: Gallimard.
- Lévi-Strauss, C. (1990). *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papirus Editora, 2024.
- Lévi-Strauss, C. (1996). *Tristes trópicos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Levy, E. & Ceccarelli, P.R. (2012). A patologização da normalidade: rumo a uma nova ordem repressiva. In F. Lemos, A. Silva, C. Santos & D. Silva (Orgs.). *Transversalizando no ensino, na pesquisa e na extensão* (pp. 427-440). Curitiba: CRV.
- Lustosa, R. (2016). *A psicanálise e a discussão sobre o normal e o patológico*. <https://bit.ly/3Z0hDSD>.
- Marcuse, H. (1955). *Eros e civilização: uma investigação filosófica sobre Freud*. Boston: Beacon Press, 1972.
- Millot, C. (1983). *Horsexe: essai sur le transsexualisme*. Paris: Point Hors Ligne.
- Pauly, I.B. & Edgerton, M.T. (1986). The gender identity movement: a growing surgical-psychiatric liaison. In *Archives of sexual behavior*, 15(4), 315-329.
- Pellegrino, H. (1987). Pacto edípico e pacto social. In L. A. Py et al. *Grupo sobre grupo* (pp. 195-205). Rio de Janeiro: Rocco.
- Prata, M. (1999). O normal e o patológico em Freud. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 9(1), 37-81.
- Raymond, J. (1981). *L'empire transsexuel*. Paris: Seuil.
- Róheim, G. (1950). *Psychanalyse et anthropologie*. Paris: Gallimard, 1967.
- Roudinesco, E. (2021). *Soi-même comme un roi*. Paris: Seuil.
- Roudinesco, E. (2024). A potência da família: Édipo, Antígona, Jean Valjean. In E. Andrade, V.

Freitas & P. Ceccarelli (Orgs). *A psicanálise na vida contemporânea* 5 (pp. 109-124).  
Bom Despacho: Literatura em cena.

Tort, M. (2000). Quelques conséquences de la différence “psychanalytique” des sexes. *Les temps modernes*, 609, 176-215.

Stoller, R. (1975). *Sex and gender the transsexual experiment I*. Michigan: Rowman & Littlefield.

Recebido em 26/06/2025

Aceito em 12/08/2025

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

**Paulo Roberto Ceccarelli**

Rua Aimorés, 1239

30140-071 – Belo Horizonte, MG – Brasil

paulorcbh@mac.com

© Revista de Psicanálise da SPPA